Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade do Estado do Pará
Belém-Pará-Brasil

Revista Cocar, Belém, V. 24, N.42, p. 01-19, 2026 ISSN: 2237-0315

Saberes africanos e espaços científicos culturais: Uma análise em sites de museus e centros de ciências do Brasil

African knowledge and cultural scientific spaces: An analysis of museum and science center websites in Brazil

Mariana de Souza Elysio
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
Rio de Janeiro/RJ – Brasil

Marcelo Borges Rocha
Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET-RJ)
Rio de Janeiro/RJ-Brasil

Resumo
Os museus e centros de ciência são espaços marcados por divulgar e popularizar aspectos relacionados à ciência. Além disso, disseminam a história da ciência e sua importância para o desenvolvimento da sociedade. Mas que ciência está sendo privilegiada? A ciência que nasce na parte Ocidental da Terra, ou é também contada a ciência que nasce no Oriente com saberes milenares de povos africanos? Neste estudo, procuramos investigar nos sites de museus e centros de ciência do Brasil se havia algum tipo de exposição e/ou outro conteúdo digital que interligava saberes africanos aos conhecimentos científicos. Realizamos levantamento de dados dos museus por região e realizamos a técnica de análise de conteúdo categorial em um site de um espaço escolhido. Observamos que poucos espaços tratam da temática, que surge de maneira pontual e pouco associada à ciência.
Palavras-chave: museus e centros de ciência; análise de conteúdo; saberes africanos.

Abstract
Museums and science centers are spaces marked by disseminating and popularizing science and health. Furthermore, they disseminate the history of science and its importance for the development of society. But what science is being extolled? The science that was born in the Western part of the Earth, or is it also considered the science that was born in the East with ancient knowledge from African peoples, such as the Egyptians, the Arabs and the Indians? In this study, we sought to investigate on the websites of museums and science centers in Brazil whether there was any type of exhibition and/or other digital content that linked African knowledge to scientific knowledge in science and health. We collected data from museums by region and carried out the categorical content analysis technique on a website in a chosen space. We observed that few spaces deal with the topic, which appears in a specific manner and is little associated with science and health.
Keywords: museums and science centers, content analysis, African knowledge.

Introdução

Museus e centros de ciência como espaços de educação e divulgação científica

Os museus e centros de ciência são espaços conhecidos por promoverem a divulgação e popularização de diversos saberes científicos e realizar a mediação com os saberes populares. O principal objetivo dos museus de ciências ao promover a popularização e/ou divulgação científica é apresentar de maneira acessível os diversos segmentos da ciência (Wartha *et al*., 2015). Pode-se afirmar que os museus e centros de ciências são espaços de âmbitos sociais, culturais e políticos, resultando em encontros de dimensões distintas entre si, porém interligadas. Possuem caráter dinâmico, buscando se projetar como instituições de comunicação, educação e difusão cultural, voltada para um público amplo e diversificado (Valente *et al*., 2005). Autores como McManus (1992) e Friedman (2007) propõem três gerações de museus que se distinguem por sua museografia, a forma com que se relacionam com o público e a natureza de suas coleções. As três gerações apresentadas cronologicamente não são graduais, de modo que uma não se extinguiu para dar lugar a outra. As três gerações de museus coexistem até os dias atuais e nenhuma se sobrepõe à outra (Friedman, 2007).

Os museus de ciências são espaços caracterizados por divulgar ciência e compartilhar os saberes científicos, muitas vezes concentrados nas instituições de ensino e pesquisa, para toda a sociedade. É neste cenário que a divulgação científica surge como intermediária entre a esfera social e científica. Gouvêa (2000) defende que a ação de popularizar a ciência e a tecnologia no país pode representar uma via de mão dupla, na qual há troca e fluxo de conhecimentos entre a população e a comunidade científica, enquanto divulgar as ciências seria percorrer um único caminho de conhecimento, com apenas uma via, da comunidade científica para o povo. Ainda sobre a importância dos espaços não formais para o processo de compartilhamento de conhecimentos, Souza e Barroso (2022) defendem que estes locais propiciam um ensino inovador, despertando a curiosidade e reflexões sobre os saberes dispostos ali.

Colonialidade, apagamento e epistemologias africanas

Nessa perspectiva, é importante ressaltar que a ciência, apresentada por um mediador por meio da sensibilidade e da ludicidade, pode permitir muitas formas de representações, que se encontram conectadas às dimensões da razão e da sensibilidade. Os aparatos

expositivos, oficinas, sessões de teatro e contação de história são algumas das ferramentas utilizadas para colocar em prática esses conhecimentos e promover o diálogo entre o público e os mediadores. Apesar de avanços significativos na construção de uma sociedade mais igualitária, seja por questões de gênero, mas também por questões raciais, não é comum observar nestes espaços narrativas que dialoguem com os saberes e conhecimentos da população negra. Deste modo, é necessário que cada vez mais se promova o debate sobre o apagamento desses saberes nestes espaços não formais de ensino. Segundo Cunha (2017), as memórias afro-brasileiras passaram por um processo de apagamento onde sua cultura, história e conhecimentos foram deturpados e manipulados. Isto foi motivado por um ideal de branqueamento nacional buscando uma "marca civilizatória eurocentrada" que nos traria um "status quo". Consequentemente este movimento resultou em uma imagem preconceituosa e reducionista da cultura africana (Cunha, 2017).

Desde a origem da sociedade mundial, a África é vista como um continente que causa estranhamento, principalmente pela população europeia, por sua robusta e feroz fauna e flora e por seu imponente povo. Com o advento das navegações e o contato dos povos europeus com os africanos, este "estranhamento" estimulou os homens brancos a colecionarem itens que demonstrariam a existência de outros homens, representando uma divindade da criação humana (Possas, 2005). A partir deste ponto, criou-se os primeiros gabinetes de curiosidade, considerados como a primeira geração de museus do mundo. Com o passar dos séculos e com a instalação de inúmeras colônias no continente africano, cada vez mais eram levados itens destas terras para serem expostos nestes locais. Estas coleções foram tomando proporções enormes e dando origem a diversos conhecimentos e áreas de estudos específicas, como: zoologia, botânica, entre outros (Possas, 2005). Com o avançar dos séculos, começam a surgir diversas teorias que reforçam um ideal de que o Ocidente, hegemonicamente branco, era o modelo civilizatório de sucesso (Schwarcz, 2005).

Segundo Fanon (2008), há uma intencionalidade na invisibilização da produção científica pelos povos africanos. Este movimento faz parte da colonização que tenta retirar o protagonismo da produção de conhecimentos por parte destes povos.

Saberes ancestrais africanos e os Museus e Centros de Ciências

Para iniciar esta seção, torna-se necessário situar o que estamos compreendendo como saberes ancestrais africanos. Entendemo-los como conhecimentos, práticas, memórias,

tecnologias e modos de interpretar e relacionar-se com o mundo natural e social, produzidos, preservados e transmitidos por povos e comunidades de matriz africana, especialmente por meio da oralidade, da experiência e da ancestralidade. Nesse sentido, a ancestralidade não se restringe à ideia de herança ou de vínculo com o passado, mas pode ser compreendida como uma epistemologia pautada no movimento, no acontecimento e na vibração, na qual o ser humano, a comunidade, a natureza e o sagrado não estão separados, mas interagem em constante equilíbrio (Oliveira, 2009). Considerar esses saberes a partir dessa perspectiva implica, portanto, reconhecer que eles constituem formas próprias de produzir, preservar e transmitir conhecimento, cujos sentidos não podem ser dissociados dos territórios, das comunidades e das relações de ancestralidade que os sustentam.

É justamente nesse ponto que a discussão sobre os saberes ancestrais africanos se aproxima do debate sobre a decolonialidade. Se esses saberes constituem formas próprias de produzir, preservar e transmitir conhecimentos, é necessário questionar os regimes de poder que historicamente determinaram quais conhecimentos seriam reconhecidos como legítimos e quais seriam silenciados, subalternizados ou apropriados. Nesse sentido, os museus também podem ser compreendidos como espaços de produção e reprodução dessas hierarquias epistemológicas. De acordo com Françoise Vergès (2023), essas instituições são atravessadas por assimetrias e desigualdades, uma vez que múltiplas nações e comunidades reivindicam a restituição de objetos e heranças retirados de seus territórios em contextos sócio-históricos de colonização e invasão de suas terras. A questão, portanto, não se limita à devolução dos objetos, mas envolve também a possibilidade de romper com as formas coloniais de classificação, representação e produção de conhecimento que historicamente os transformaram em objetos musealizados. É nesse sentido que a perspectiva decolonial permite deslocar o debate: mais do que inserir outros sujeitos e saberes nas instituições existentes, trata-se de questionar as próprias estruturas que definem quem pode falar, quem pode produzir conhecimento e quais epistemologias são reconhecidas. Para Vergès (2023), essa transformação pode ser pensada a partir das noções de pós-museu ou contramuseu, que ultrapassam a crítica e a decolonização das instituições existentes para considerar a criação de espaços próprios, orientados por perspectivas decoloniais, feministas, antirracistas e anticapitalistas. Assim, pensar os saberes ancestrais africanos a partir da decolonialidade implica não apenas reconhecer sua existência, mas disputar os espaços, as narrativas e as

estruturas de poder que historicamente determinaram seus modos de preservação, representação e transmissão.

A decolonialidade é definida como um ato político, teórico, histórico e epistêmico de desobediência à validação do conhecimento eurocentrado e colonial de poder e saber. Trata-se de um descentramento que busca romper com as estruturas de dominação que continuam atuantes e se renovam na contemporaneidade, mesmo após o fim do colonialismo político formal (Souza; Nascimento, 2018).

A perspectiva decolonial questiona frontalmente a suposta neutralidade, universalidade e imparcialidade da ciência ocidental, desvelando que todo conhecimento é geopoliticamente e corporativamente situado. Mais do que uma crítica desconstrutiva, a decolonialidade é um projeto de autodeterminação intelectual que busca valorizar e visibilizar as epistemologias de povos historicamente subalternizados, garantindo-lhes o direito de narrar suas próprias histórias e afirmar suas formas de existir e conhecer (Barbieri; Silva, 2024). Agregando a essa discussão, podemos pensar o conceito de antimuseu, que segundo Mbembe (2017) agrega para uma perspectiva de questionamento do viés colonial dos museus. Baseado na ideia do autor, não é coerente levar histórias negras e indígenas para os museus mantendo um olhar exótico, folclórico e homogeneizador, o que potencializa e perpetua a lógica excludente e subalternizada destes grupos.

Ainda neste sentido, Alves-Brito e Macedo (2022) propõem o conceito de antimuseu de ciências como uma nova forma de pensar os museus de ciência, capazes de articular com seus planejamentos pedagógicos e documentos norteadores curriculares, escritas, oralidades e epistemologias outras formadas nos processos de luta e vivência de povos originários e comunidades negras e quilombolas. Os autores discutem ainda, a prevalência de um conceito chamado pilhagem epistêmica, onde acervos museológicos de instituições de países colonizadores acumulam objetos ou artefatos que fazem parte da ancestralidade de determinado povo colonizado.

A partir deste cenário de apagamentos e silenciamentos diante da produção de conhecimento a partir de saberes ancestrais africanos, delimitamos nosso problema de pesquisa: Como os saberes ancestrais africanos são apresentados e articulados aos conhecimentos científicos nos conteúdos digitais disponibilizados por museus e centros de ciências brasileiros? A partir deste questionamento, estabelecemos como objetivo geral da

pesquisa investigar como os saberes ancestrais africanos são apresentados e articulados aos conhecimentos científicos nos conteúdos digitais de museus e centros de ciências brasileiros.

Metodologia

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, com abordagem descritiva e exploratória (Gonçalves, 2005). As pesquisas exploratórias propiciam uma aproximação com o problema definido pelo pesquisador, revelando novas informações sobre o mesmo. O estudo, de acordo com seu objetivo, classificou-se como exploratório (Gil, 2002). O estudo foi desenvolvido em três etapas. Na primeira, foi realizado um levantamento dos espaços científicos culturais brasileiros, utilizando como instrumento de pesquisa o Guia de Centros e Museus de Ciência da América Latina e do Caribe, lançado no ano de 2023 através da Associação Brasileira de Centros e Museus de Ciências (ABCMC). Este guia reúne informações sobre espaços de divulgação e popularização científica do Brasil e de todos os outros países que constituem a América Latina e do Caribe. Esta coleta de dados foi realizada no mês de Novembro de 2024. Foram encontradas 221 instituições distribuídas nas cinco regiões do país (Quadro 1).

Quadro 1: Distribuição dos espaços científicos culturais por região do Brasil

Região Sudeste	108 museus ou centros de ciências
Região Centro-Oeste	11 museus ou centros de ciências
Região Sul	44 museus ou centros de ciências
Região Norte	17 museus ou centros de ciências
Região Nordeste	41 museus ou centros de ciências

Fonte: Massarani *et al*. (2023), adaptado pelos autores

A partir do levantamento e quantificação dos espaços por região do país, realizamos a verificação da atividade dos sites que constavam no Guia, com o objetivo de averiguar se estavam atualizados e com a exibição de conteúdos. Consideramos como atualizado aqueles sites que possuíam último material postado entre 2022 e 2024. Observamos que alguns espaços não estão mais com seu site ativo, ou o mesmo está desatualizado. Abaixo está o quadro com a relação do quantitativo de sites das instituições, por região do Brasil.

Quadro 2: Existência de sites dos espaços científicos culturais por região do Brasil

Região Sudeste	88 museus ou centro de ciências possuem site ativo
Região Centro-Oeste	8 museus ou centro de ciências possuem site ativo
Região Sul	35 museus ou centro de ciências possuem site ativo
Região Norte	7 museus ou centro de ciências possuem site ativo
Região Nordeste	27 museus ou centro de ciências possuem site ativo

Fonte: Massarani *et al*. (2023), adaptado pelos autores.

A partir da verificação de atualização e atividade dos sites, estabelecemos alguns critérios de inclusão e exclusão para a escolha do site em que realizamos a análise dos materiais. A tabela abaixo delimita os critérios de inclusão e exclusão utilizados.

Quadro 3: Critérios de inclusão e exclusão para análise dos materiais disponibilizados em sites de museus e centros de ciência

Critérios de exclusão	- Materiais publicados antes de 2019; - Dificuldade de navegação pelo site; - Dificuldade em encontrar informações sobre as exposições e outros materiais; - Dificuldade em acessar exposições e outros materiais.
Critérios de inclusão	- Materiais publicados entre 2019 e 2024; - Materiais de fácil acesso para visualização ou download; - Fácil navegabilidade do site; - Fácil disponibilidade de informações sobre exposições e outros materiais do espaço. - Presença de elementos da cultura e história africana; - Presença de conhecimentos científicos associados aos elementos de cultura e história africana.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2026.

A observação e a pesquisa foi realizada em todos os conteúdos e elementos apresentados nos sites. No quadro abaixo vemos a distribuição, por região, do quantitativo de espaços que apresentam algum tipo de conteúdo ligado à temática exposta em seu site.

Quadro 4: Distribuição, por região, do quantitativo de espaços que apresentam algum tipo de conteúdo ligado à temática científica africana

Região Norte	1
Região Nordeste	3
Região Sudeste	9
Região Centro-Oeste	0
Região Sul	2

Fonte: Elaborado pelos autores, 2024.

Ao realizar as investigações nos sites dos museus, encontramos algumas limitações, como a desatualização dos sites ou a inexistência do tema selecionado para a investigação entre os conteúdos produzidos pelo museu.

Entre os espaços que atenderam aos critérios estabelecidos, selecionamos o Museu da UFRGS por apresentar, em seu ambiente digital, uma exposição que mais articulou elementos da cultura e ancestralidade africana com conhecimentos relacionados à ecologia, à flora e ao meio ambiente, tornando-o adequado aos objetivos da investigação

Coleta e análise de dados

Para a coleta e análise de dados selecionamos o Museu UFRGS (https://www.ufrgs.br/museu/). O museu se caracteriza como um museu universitário e multidisciplinar, buscando pesquisar e difundir o patrimônio cultural da Universidade (UFRGS, 2024). Foram considerados para esta análise, conteúdos publicados entre 2019 e 2024. O levantamento e coleta de dados se iniciou com a observação das abas do site do museu. Buscamos explorar as seguintes abas do site do museu: "exposições", "educativo", "acervo" e "projetos". Nestas abas analisamos os materiais que poderiam estar associados a saberes de povos africanos associados a conhecimentos científicos. Para analisar estes dados, utilizamos o método Análise de Conteúdo Categorial (Bardin, 2008). Seguindo as etapas de pré-análise, exploração do material e tratamento dos dados para criação de categorias.

Segundo Bardin (2008), a criação destas categorias prévias devem seguir critérios específicos de fundamentação e qualidades formais para garantir o rigor científico. A partir da observação e coleta de dados dos sites dos espaços científicos culturais, realizamos uma descrição de todos os tipos e a natureza dos materiais encontrados. Estes materiais incluem desde atividades realizadas pelos museus e centros de ciência (exposições, palestras, eventos

etc) até materiais disponibilizados pelas instituições para que o público possa ter acesso livre, como: documentos, livros, vídeos, entre outros. A partir deste contexto, as categorias foram criadas com base na distribuição destes elementos, de modo que pudesse agrupar informações que possuíam características em comum. Tal procedimento foi adotado para que os resultados possam ser apresentados de maneira que os aspectos semelhantes entre os espaços possam revelar quais aspectos da ancestralidade africana foram abordados.

Sendo assim, observamos que grande parte das páginas digitais dos museus categorizam seus materiais em quatro principais grupos: exposições, educativo, acervo e projeto, como está exposto no quadro abaixo:

Quadro 5: Categorias para análise de conteúdo

Exposições	Agrupa exposições virtuais e presenciais
Educativo	Abrange material educativo, caixa educativa e outros materiais
Acervo	Composto por fotos, documentos e objetos tridimensionais
Projetos	Abrange os projetos de extensão e outros projetos em colaboração realizados pelo museu

Fonte: Elaborado pelos autores, 2024.

Resultados e Discussão

Com a elaboração das categorias, foi possível realizar a análise e discussão dos dados apresentados a seguir.

Categoria "Exposição"

Encontramos a aba "exposições" na barra superior do site do museu. Ao clicar é possível encontrar as exposições que estão em cartaz, exposições anteriores e exposições virtuais. Na seção de exposições em cartaz, não observamos relação alguma com o tema proposto para este estudo. No momento o museu está com duas exposições em cartaz, que se chamam: "O mundo sensível dos mitos" e "Água até aqui? os livros e as enchentes".

Na seção "exposições anteriores" encontramos todas as exposições que estiveram em cartaz no museu. Ao analisar a descrição e fotos das exposições, encontramos exposições que envolviam saberes ancestrais africanos, porém estes não estavam inseridos em nenhum tipo de contexto científico, no âmbito da área de ciências. Encontramos as exposições anteriores denominadas "No batuque dos bambas da orgia - folia e resistência em Porto

Alegre" e "Tição: existência e resistência - exposição sobre a imprensa negra gaúcha no Museu da UFRGS" (Figura 1).

Figura 1: Página inicial das exposições anteriores



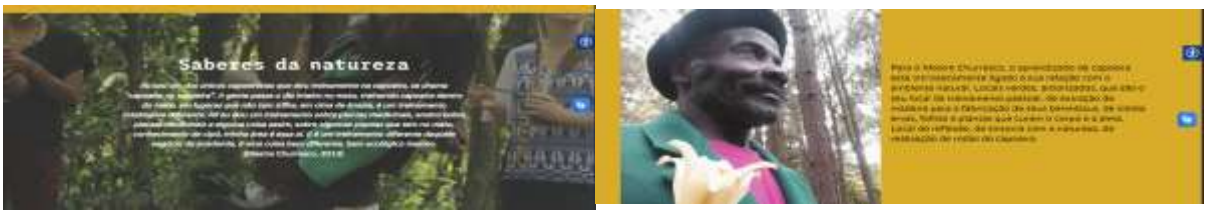
Fonte: UFRGS, 2022.

Contudo devemos ressaltar a importância ao encontrar estes saberes ancestrais africanos em uma exposição em um museu de ciências, mesmo que seu conteúdo não esteja articulando com saberes científicos. Segundo Rocha, Conceição e Silva (2015) é importante que os saberes ancestrais negros demarquem seu lugar na sociedade, pois através destes ensinamentos se comunica a história, as vivências, os valores, saberes e conhecimentos negros. Para algumas cosmologias e epistemologias africanas, a arte também é ciência (Augusto, 2017).

Ao visitar a aba de exposições virtuais encontramos disponíveis duas exposições virtuais, chamadas: "Encontro de saberes" e "Mestre churrasco". Ambas estão inseridas em um contexto de descolonização de saberes, buscando proporcionar um encontro de saberes ancestrais quilombolas e indígenas, estabelecendo um diálogo intercultural com uma perspectiva multi epistêmica. A exposição virtual "Mestre churrasco" aborda elementos da cultura ancestral africana e quilombola, na perspectiva de um dos maiores precursores da capoeira no estado do Rio Grande do Sul. Apesar de ser colocada como uma exposição virtual na página do museu, esta exposição também ficou em cartaz no espaço físico do Museu da UFRGS, durante o período de 29 de janeiro de 2024 até o final de abril de 2024. Portanto, esta exposição passou por um processo de virtualização, o que garante a preservação do material, entre outras questões. Segundo Santos (2023), este mecanismo de disponibilização de acervos museais em ambiente virtual, foi uma das muitas estratégias desenvolvidas pelos espaços para manter o atrativo e o contato do público com o museu. Jean Batista Cléber Teixeira de Santos - o Mestre Churrasco, iniciou sua vida como engraxate na capital gaúcha. Na década de 1970 iniciou sua jornada na capoeira e desde então se tornou praticante, mestre

e estudioso desta representação negra que mistura múltiplos saberes: a capoeira. A exposição virtual conta com uma série de registros fotográficos, documentais e relatos de histórias contadas pelo próprio Mestre. Além disso, a seção também conta com um vídeo sobre a exposição virtual que se encontra no Youtube (https://www.youtube.com/watch?v=pLhff0gI1xQ). A exposição virtual "Mestre Churrasco" recupera e apresenta trechos de depoimentos concedidos pelo mestre em 2013, no qual ele narra seus primeiros contatos com movimentos semelhantes à capoeira. O depoimento original foi registrado e posteriormente publicado por Dornelles e Goellner (2013). Podemos observar os trechos destacados na exposição virtual na figura abaixo (Figura 2):

Figura 2: Exposição virtual sobre Mestre Churrasco.



Fonte: UFRGS, 2022.

> Eu sou um dos únicos capoeiristas que dou treinamento na capoeira, se chama "capoeira na capoeira". A gente passa o dia inteiro no mato, treinando capoeira dentro do mato, em lugares que não tem trilha, em cima de árvore, é um treinamento totalmente diferente. Ali eu dou um treinamento sobre plantas medicinais, ensino sobre plantas medicinais e alguma coisa assim, sobre algumas plantas que tem no mato, conhecimento de cipó, minha área é essa aí. E é um treinamento diferente daquele negócio da academia, é uma coisa bem diferente, bem ecológico mesmo. (Dornelles; Goellner, 2013)

Logo em seguida, há um texto expositivo em que diz:

> Para o Mestre Churrasco, o aprendizado da capoeira está intrinsecamente ligado à sua relação com o ambiente natural. Locais verdes, arborizados, que são o seu local de treinamento pessoal, de extração de madeira para a fabricação de seus berimbaus, de coleta ervas, folhas e plantas que curam o corpo e a alma. Local de reflexão, de sintonia com a natureza, de realização de rodas de capoeira. (UFRGS, 2022)

Com essa demarcação na exposição virtual, podemos observar um saber ancestral e cotidiano sobre natureza e ecologia, apresentado por Mestre Churrasco. A presença desses conteúdos na exposição não representa apenas a inclusão de uma temática cultural, mas permite sensibilizar o público sobre quais formas de conhecimento são reconhecidas e legitimadas no espaço museal. Ao apresentar conhecimentos relacionados às plantas

medicinais, à ecologia e à relação com o ambiente a partir da trajetória de um indivíduo negro, a exposição possibilita o deslocamento parcial da narrativa científica institucional e o reconhecimento da experiência e da oralidade como dimensões da produção e transmissão de conhecimentos. Entretanto, a mera descrição dos conteúdos não estabelece, de forma explícita, a relação epistemológica entre esses conhecimentos e a ciência, evidenciando o desafio de superar uma simples justaposição entre "cultura" e "ciência" para construir um diálogo efetivamente intercultural e decolonial.

Para Barros e Ramos (2014), os conhecimentos sobre a relação e a manipulação da natureza são muito importantes para a sobrevivência e para os costumes do dia a dia dessas comunidades; essas práticas também funcionam como um meio de inclusão social. A autora Augusto (2017) traz reflexões sobre o modo como os africanos e os africanos escravizados inovaram com seus conhecimentos sobre plantações, hortas e saberes sobre os mais variados tipos e usos de plantas. Mesmo quando foram tirados de suas terras natais, encontraram um modo de colocar seus conhecimentos botânicos e ecológicos em prática, criando pequenas hortas e roçados anexos às senzalas, os chamados "jardins botânicos dos despossuídos". Neles, os escravizados cultivavam plantas essenciais para a sobrevivência e, frequentemente, para algum grau de autonomia. Isso demonstra o grau de conhecimento científico que vive, geração em geração, por meio da oralidade e da ancestralidade, entre os descendentes dessas populações que fizeram parte da história do Brasil. Os saberes populares e ancestrais relacionados aos fenômenos da natureza podem ser compreendidos e sistematizados no campo da etnobiologia e da etnociência, considerando os significados culturais atribuídos pelos diferentes grupos e indivíduos. Entretanto, por não se constituírem como conhecimentos produzidos nos moldes da ciência acadêmica, esses saberes muitas vezes não são reconhecidos, valorizados e incorporados às práticas pedagógicas de forma sistemática (Costa, 2008). Sob a perspectiva da aprendizagem significativa (Ausubel, 2003), contudo, a valorização dos significados, das crenças e dos conhecimentos oriundos da cultura popular e do território em que o educando está inserido pode favorecer a articulação entre seus conhecimentos prévios e os conhecimentos curriculares, possibilitando que ele se reconheça como sujeito participante da construção do conhecimento. No contexto escolar, especialmente quando se consideram os livros didáticos e a formação tradicional dos professores, ainda é possível observar uma abordagem predominantemente utilitarista dos

elementos da natureza, como plantas, animais, água, entre outros. Em contraponto a essa perspectiva, a etnobiologia pode constituir-se como uma importante ferramenta didática para aproximar os conhecimentos populares dos conhecimentos científicos, contribuindo para a redução da distância historicamente estabelecida entre esses diferentes modos de conhecer. Além disso, sua inserção no ensino pode favorecer a construção de novos olhares sobre as relações estabelecidas entre sociedade e natureza, bem como ampliar o envolvimento dos estudantes no processo de ensino e aprendizagem (Costa, 2008)

Categoria "Educativo"

Na seção do educativo, encontramos as ações educativas do museu, que visam estabelecer uma conexão com o público. Esta seção é voltada para a exposição de materiais que podem ser usados por educadores em diversos espaços educacionais, de acordo com sua atuação e demanda pedagógica. O museu dispõe de materiais educativos que são separados por caixas educativas e outros materiais. As caixas educativas podem ser solicitadas para empréstimo. Porém o museu informa que desde o ano de 2020, com a pandemia causada pelo vírus SARS-CoV-2, o espaço realizou uma transposição didática e de design de todo conteúdo para o seu repertório virtual, onde o público tem acesso para download.

O setor educativo desses espaços científico-culturais constitui um importante campo de atuação na mediação entre o público e o museu. Além de contribuir para a aproximação entre os visitantes e os conhecimentos apresentados nesses espaços, esse setor também desempenha um papel relevante na produção de materiais educativos utilizados nas exposições e disponibilizados por meio de projetos de empréstimo, possibilitando que professores os utilizem em suas práticas pedagógicas em sala de aula. Esses materiais podem incluir kits com jogos, materiais impressos, recursos audiovisuais, entre outros. Nesse contexto, ampliar a acessibilidade desses recursos para o público e, especialmente, para os professores, mostra-se fundamental. Os projetos de empréstimo de materiais podem contribuir para a superação de barreiras geográficas e econômicas, possibilitando que escolas que apresentam dificuldades de acesso físico a esses espaços científico-culturais também possam usufruir dos recursos educativos produzidos pelos museus (Maciel; Cerqueira, 2025). Nesta seção, não encontramos nenhum tipo de material que pudesse ser analisado dentro do escopo da pesquisa.

Categoria "Acervo"

Na aba "acervo" do site do museu encontramos disponibilizados os diversos itens que fazem parte do acervo do espaço. Este repositório conta com fotos, documentos e objetos que remetem à memória e identidade da UFRGS e da cidade de Porto Alegre. Todo acervo do museu está organizado em um repositório digital chamado Tainacan. Também não encontramos nenhum material no acervo que pudéssemos realizar a análise de conteúdo. Sobre a questão de acervo, é importante ressaltar a discussão sobre a restituição de objetos, documentos, artefatos ao acervos dos países de origem destes itens. Françoise Vergès (2023) traz discussões sobre a alegação que muitos museus europeus fazem sobre os museus em África não teriam o saber exigido para a conservação destas peças, e privar isto nestas instituições seria o mesmo que privar milhares de pessoas que poderiam desfrutar dos mesmos. Ora, se os próprios donos e criadores destas peças não sabem cuidar e preservar as mesmas, quem mais poderá? Este argumento aponta para mais um traço de tentativa de superação dos saberes ancestrais e imposição de parâmetros de modelos ocidentais de preservação e exposição de acervo.

Categoria "Projetos"

Nesta seção, encontramos cinco principais projetos desenvolvidos no Museu da UFRGS. Esses projetos são: "Museus conectam"; "Grandes mestres"; "Ações interculturais"; "Ancestral - muito além dos 250"; "Visita teatralizada". Nos projetos "Ações interculturais" e "Ancestral - muito além dos 250", observamos, na descrição do projeto, uma valorização da ancestralidade e da cultura negra para a construção da Universidade e da cidade de Porto Alegre. Apesar da importância desses destaques, não encontramos conteúdos que pudessem ser analisados para este trabalho. Os projetos educativos em museus permitem ir além da tradicional excursão ou visita contemplativa rápida, oferecendo um espaço para imersão contínua sobre temas complexos que não seriam esgotados em um único encontro (Santos, 2024). Além disso, esses projetos podem auxiliar na materialização do conteúdo trabalhado em sala de aula. Essa abordagem permite ao estudante transcender os métodos convencionais de ensino, assumindo uma postura autônoma para trazer os debates para o cerne de sua própria realidade social (Santos, 2024). É importante ressaltar a crescente realização de projetos voltados para meninas em centros de ciência e tecnologia, como oficinas, palestras e materiais didáticos, buscando mitigar as disparidades de gênero e

incentivar vocações científicas nas áreas de ciências exatas, engenharias e computação (Dahmouche; Pinto; Moreira, 2024).

Conclusão

Este estudo teve como objetivo analisar como os saberes ancestrais africanos são apresentados e articulados aos conhecimentos científicos nos conteúdos digitais disponibilizados por museus e centros de ciências brasileiros, considerando, para análise aprofundada, o site do Museu da UFRGS. A partir do levantamento realizado e dos critérios de inclusão e exclusão estabelecidos, observou-se que a presença de conteúdos relacionados à ancestralidade africana e aos conhecimentos científicos ainda é pontual entre os espaços investigados.

No Museu da UFRGS, a análise das categorias Exposições, Educativo, Acervo e Projetos evidenciou diferentes formas de abordagem da temática. Destacou-se, particularmente, a exposição virtual "Mestre Churrasco", na qual conhecimentos relacionados à capoeira, às plantas medicinais, à ecologia e à relação com o ambiente natural são apresentados a partir da experiência e da trajetória de um sujeito negro, possibilitando identificar aproximações entre conhecimentos ancestrais, cotidianos e científicos. Entretanto, a análise também revelou que a presença da ancestralidade africana nem sempre está acompanhada de uma articulação explícita com os conhecimentos científicos, indicando que a inclusão da temática, por si só, não garante uma perspectiva efetivamente intercultural ou decolonial.

Os resultados também apontam para a necessidade de ampliar as formas de representação dos saberes africanos nos museus e centros de ciências, evitando abordagens pontuais, folclorizadas ou desvinculadas dos processos históricos de produção do conhecimento. Nesse sentido, os espaços científico-culturais podem constituir importantes ambientes para o reconhecimento da pluralidade epistemológica e para o estabelecimento de diálogos entre diferentes formas de produzir, transmitir e interpretar conhecimentos.

Cabe destacar, entretanto, que os resultados desta pesquisa não podem ser generalizados para o conjunto dos museus e centros de ciências brasileiros, uma vez que a análise de conteúdo foi realizada de forma aprofundada em um único museu e considerou os conteúdos digitais disponíveis no período delimitado pela investigação. Assim, os achados devem ser compreendidos como uma análise situada, capaz de evidenciar possibilidades,

limites e desafios presentes na representação dos saberes ancestrais africanos em ambientes científico-culturais. Estudos posteriores, com a ampliação do número de instituições e a inclusão de outras fontes de dados, poderão aprofundar a compreensão sobre essas relações e contribuir para o desenvolvimento de práticas museais e educativas comprometidas com perspectivas antirracistas e decoloniais

Referências

ALVES-BRITO, Alan; MACEDO, José Rivair. A história da ciência e a educação científica pelas perspectivas ameríndia e amefricana. **Revista Brasileira de História da Ciência**, v. 15, n. 2, p. 400-417, 2022. DOI: https://doi.org/10.53727/rbhc.v15i2.804.

AUGUSTO, Geri. Plants of bondage, limbo plants, and liberation flora: diasporic reflections for STS in Africa and Africa in STS. In: MAVHUNGA, Clapperton Chakanetsa (ed.). **What do science, technology, and innovation mean from Africa?** Cambridge: MIT Press, 2017. p. 79-96. DOI: https://doi.org/10.7551/mitpress/10769.003.0007.

AUSUBEL, David P. **Aquisição e retenção de conhecimentos**: uma perspectiva cognitiva. Lisboa: Plátano Edições Técnicas, 2003.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2008. 281 p.

BARBIERI, Edison; SILVA, Tarcísio. Decolonialidade na ciência: reconstruindo conhecimento para inclusão e pluralismo epistemológico. *In*: ALMEIDA, Flávio Aparecido de. **DECOLONIALIDADE: aspectos contemporâneos fundamentais**. [*S. l.*]: Editora Científica Digital, 2024. cap. 2, p. 17-32. DOI: https://doi.org/10.37885/241017848.

BARROS, José António; RAMOS, Luís. Perspectives in ethnochemistry. *In:* GERDES, Paulus (ed.). **Explorations in ethnomathematics and ethnoscience in Mozambique**. Maputo: Ethnomathematics Research Project/Instituto Superior Pedagógico, 2014. p. 95-97.

COSTA, Ronaldo Gonçalves de Andrade. Os saberes populares da etnociência no ensino das ciências naturais: uma proposta didática para aprendizagem significativa. **Revista Didática Sistêmica**, v. 8, p. 162-172, 2008.

CUNHA, Marcelo Nascimento Bernardo da. Museus, memórias e culturas afro-brasileiras. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, n. 5, 2017.

DAHMOUCHE, Mônica Santos; PINTO, Simone Pinheiro; MOREIRA, Kaylani. STEAM para meninas em museus de ciência. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE MULHERES EM STEAM, 2., 2024, São José dos Campos. **Anais [...]**. São José dos Campos: [s. n.], 2024. p. 1-12.

DORNELLES, Ederson Alberto Teixeira; GOELLNER, Silvana Vilodre. Capoeira no Rio Grande do Sul e oralidade: a trajetória de um mestre. **História Oral**, [*S. l.*], v. 16, n. 1, p. 235-255, 2013. DOI: https://doi.org/10.51880/ho.v16i1.281.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FRIEDMAN, Alan. The extraordinary growth of the science-technology museum. **Curator**, v. 50, n. 1, p. 63-75, 2007. DOI: https://doi.org/10.1111/j.2151-6952.2007.tb00250.x.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONÇALVES, Hortência de Abreu. **Manual de metodologia da pesquisa científica**. São Paulo: Avercamp, 2005.

GOUVÊA, Guaracira de Sousa. **A divulgação científica para crianças: o caso da Ciência Hoje das Crianças**. 2000. 305 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Ciências da Saúde, Rio de Janeiro, 2000.

MACIEL, Sabrina Paulino de Souza; CERQUEIRA, Bruno Rafael Santos de. Panorama do serviço de empréstimo de materiais educativos em museus e centros de ciências para professores no estado de São Paulo. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE BIOLOGIA, 9., 2024, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: SBEnBio, 2025.

MASSARANI, Luisa *et al*. (org.). **Guia de centros e museus de ciência da América Latina e do Caribe 2023**. Rio de Janeiro: Fiocruz/COC, 2023.

MBEMBE, Achille. **Políticas de inimizade**. Lisboa: Antígona, 2017.

MCMANUS, Paulette M. Topics in museums and science education. **Studies in Science Education**, v. 20, n. 1, p. 157-182, 1992. DOI: https://doi.org/10.1080/03057269208560007.

OLIVEIRA, Eduardo. Epistemologia da ancestralidade. **Entrelugares: revista de sociopoética e abordagens afins**, v. 1, n. 2, p. 10, 2009.

POSSAS, Helena Cristina Gonçalves. Classificar e ordenar: os gabinetes de curiosidades e a história natural. In: FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves (org.). **Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna**. Belo Horizonte: Argumentum; Brasília: CNPq, 2005. p. 151-162.

ROCHA, José Geraldo da; CONCEIÇÃO SILVA, Cristina da. A transmissão do conhecimento nas culturas populares de matrizes africanas. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as**, v. 7, n. 15, p. 240-254, 2015.

SANTOS, Gabriela dos. Planejamento e desenvolvimento de projetos educativos. **Blog do Museu da Imigração**, São Paulo, 22 fev. 2024. Disponível em: https://museudaimigracao.org.br/blog/publicacoes-educativas/planejamento-e-desenvolvimento-de-projetos-educativos. Acesso em: 11 set. 2026.

SANTOS, Verônica Ferreira dos. **Sustentabilidade em espaços científicos-culturais: uma análise nos sites de museus e centros de ciência do Rio de Janeiro**. 2023. 152 f. Dissertação

(Mestrado em Ciência, Tecnologia e Educação) – Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, 2023.

SCHWARCZ, Lilia K. Moritz. A era dos museus de etnografia no Brasil: o Museu Paulista, o Museu Nacional e o Museu Paraense em finais do século XIX. In: FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves (org.). **Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna**. Belo Horizonte: Argumentum; Brasília: CNPq, 2005. p. 113-136.

SOUZA, Mikael Lemos de; BARROSO, Francisca Chagas da Silva. Lugar para aprender ciências: os espaços não formais e a educação científica. **Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar**, v. 6, n. 2, p. 74-87, 2022.

SOUZA, Naiara Cristina Santos de; NASCIMENTO, André Marques do. Apontamentos críticos sobre a colonialidade do saber: em defesa da pluralidade na construção do conhecimento. **Articulando e Construindo Saberes**, Goiânia, v. 3, n. 1, 2018. DOI: https://doi.org/10.5216/racs.v3i1.55383. Disponível em: https://revistas.ufg.br/racs/article/view/55383. Acesso em: 11 set. 2026.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Museu da UFRGS. Mestre Churrasco. Porto Alegre: Museu da UFRGS, 2022. Disponível em: https://www.ufrgs.br/expomuseu/. Acesso em: 11 set. 2026.

VALENTE, Maria Esther; CAZELLI, Sibele; ALVES, Fátima. Museus, ciência e educação: novos desafios. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 12, supl., p. 183-203, 2005. DOI: https://doi.org/10.1590/S0104-59702005000400010.

VERGÈS, Françoise. **Decolonizar o museu**: programa de desordem absoluta. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

WARTHA, Edson José *et al*. Divulgação e popularização científica no projeto "Ciência sobre rodas" como espaço educativo. **Revista de Ensino de Ciências e Matemática**, v. 6, n. 3, p. 113-131, 2015.

Agradecimentos e apoios

CAPES, CNPq.

Sobre os autores

Mariana de Souza Elysio
Doutoranda em Educação em Ciências e Saúde pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestre em Ciências pelo Programa de Ensino em Biociências e Saúde, pesquisando impactos da mediação em museus de ciências. Graduada em Ciências Biológicas (Licenciatura) pela UFF, com experiência em pesquisa no Laboratório de Neuroquímica (2012–2014). Coordenou o projeto Ciências Sob Tendas (UFF), atuou no Ciência Móvel (Fiocruz) e no Espaço Ciência Viva. Produziu materiais para o Programa Saúde na Escola e colabora no projeto ELAS NO CIÊNCIA

VIVA. Doutoranda em Educação em Ciências e Saúde (UFRJ) e professora substituta na UERJ-FFP.
E-mail: marianaelysio@gmail.com
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-9758-6439

Marcelo Borges Rocha
Docente permanente do Programa de Pós-Graduação Educação em Ciências e Saúde da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Biólogo pela UFRJ, com mestrado em Educação em Ciências e Saúde e doutorado em Zoologia (UFRJ). Pós-doutor em Administração Pública pela FGV/EBAPE. Professor titular do CEFET/RJ, atuando em Engenharia Ambiental e nos PPGs em Ciência, Tecnologia e Educação e em Energia e Sociedade. Docente do PPG Educação em Ciências e Saúde (NUTES/UFRJ). Coordenador do LABDEC. Jovem Cientista do Nosso Estado (FAPERJ) e bolsista de produtividade do CNPq.
E-mail: rochamarcelo36@yahoo.com.br
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-4472-7423

Recebido em: 06/03/2026
Aceito para publicação em: 22/09/2026